

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
CURSO DE PSICOLOGIA

Natália Ferreira Schreiner

**TAYLOR MASON E A REPRESENTAÇÃO NÃO-BINÁRIA NA MÍDIA**

Santa Maria, RS  
2021

**Natália Ferreira Schreiner**

**TAYLOR MASON E A REPRESENTAÇÃO NÃO-BINÁRIA NA MÍDIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para a obtenção do título de **Bacharel em Psicologia**.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriane Roso

Santa Maria, RS  
2021

**Natália Ferreira Schreiner**

**TAYLOR MASON E A REPRESENTAÇÃO NÃO-BINÁRIA NA MÍDIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para a obtenção do título de **Bacharel em Psicologia**.

**Aprovado em:**

---

**Adriane Roso, Psicóloga, Dra. (UFSM)**  
(Presidenta/Orientadora)

---

**Mariana Pfitscher, Psicóloga, Ma. (ULBRA)**

---

**Gabriela Quartiero, Psicóloga**

Santa Maria, RS  
2021

## AGRADECIMENTOS

*Este trabalho é fruto do que (me) construí com a ajuda de várias mãos e corações. Meus sinceros agradecimentos a todos que, de algum modo, participaram do processo:*

*A Prof<sup>a</sup> Adriane e Gabriela, por aceitarem embarcar nesta comigo. À Prof<sup>a</sup> Mariana pelas ótimas contribuições na banca.*

*À minha família, pelo amor e acolhimento de sempre, longe ou perto. E também pela paciência extra durante o isolamento social.*

*Aos meus amigos, em especial Lucas, Renata, Luana, Daniela e Katiussa, pela caminhada dos últimos anos e pela fonte inesgotável de afetos.*

*Aos professores que me abraçaram durante minha trajetória da graduação, em particular Mônica, Tais e Omar (in memoriam).*

*À todas as pessoas de identidades consideradas transgressivas, pela inspiração.*

*“Quando eu vi a descrição do personagem, eu me senti como “Oh meu Deus, aí estou eu. Aí estou **eu**. Ali está Asia.” Aqui está uma linguagem para descrever algo sobre mim que eu realmente não fui capaz de formular antes. Quando li o roteiro pela primeira vez, chorei. Não só porque era eu, mas porque um personagem nunca disse isso na televisão antes. Quando eu estava crescendo, se houvesse alguém como Taylor na TV, isso realmente significaria algo para mim, então é bom interpretar um personagem que poderia significar algo para alguém que é como eu.”*

*Asia Kate Dillon*

## RESUMO

### TAYLOR MASON E A REPRESENTAÇÃO NÃO-BINÁRIA NA MÍDIA

AUTORA: Natália Ferreira Schreiner  
ORIENTADORA: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriane Roso

Uma identidade de gênero não-binária se refere à parcela de pessoas transgêneras que, em adição a não se identificarem com o gênero designado ao nascer, também não se compreendem como integrantes às categorias homem ou mulher. Portanto, a não-binariedade é um termo guarda-chuva que contempla outras categorias de gênero. Atualmente, a representação midiática desta identidade se apresenta escassa e, devido ao histórico da representação trans no cinema ter permeado noções prejudiciais, se faz pertinente descobrir como a mídia está trazendo a figura não-binária, neste caso através da personagem Taylor Mason, da série *Billions*. Pretende-se explorar os conceitos do guarda-chuva LGBTQIA+, estereótipos e sua relação com a mídia, que por vez impacta as representações sociais. Por fim, a análise da construção de Taylor durante suas primeiras aparições na série com a intenção de identificar como o seriado aborda a não-binariedade, sua interação com o meio e as demais pessoas, bem como as implicações para contribuir ou negar as representações sociais sobre o tema. Conclui-se que a identidade de gênero, nessa série, é tratada com naturalidade, sem uma narrativa dramática, com respeito aos pronomes escolhidos e com espaço para que Taylor tenha importância para além das questões de gênero.

**Palavras-chave:** Não-binário. Transgênero. Mídia. Representações Sociais.

## ABSTRACT

### TAYLOR MASON AND THE NON-BINARY REPRESENTATION IN MEDIA

AUTHOR: Natália Ferreira Schreiner

ADVISOR: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriane Roso

A non-binary gender identity refers to the portion of transgender people who, in addition to not identifying themselves with the gender assigned at birth, are also not perceived as inside the categories of man or woman. Therefore, non-binary is an umbrella term that includes other gender categories. Currently, the media representation of this identity is scarce and, due to the history of trans representation in cinema having permeated harmful notions, it is pertinent to discover how the media is portraying the non-binary figure, in this case through the character Taylor Mason, from the TV show Billions. It is intended to explore the concepts of the LGBTQIA + umbrella, stereotypes and their relationship with the media, which in turn impacts social representations. Finally, the analysis of Taylor's construction during its first appearances in the series with the intention of identifying how the series approaches non-binarity, its interaction with the environment and other people, as well as the implications for contributing or denying the representations on the topic. It is concluded that gender identity, in this TV show, is treated naturally, without a dramatic narrative, with respect to the pronouns chosen and with space for Taylor to have importance beyond gender issues.

**Keywords:** Non-binary. Transgender. Media. Social Representation.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Um breve esquema de categorias de gênero.....	13
Figura 2 - Porcentagem de streaming por plataforma (2º bimestre de 2020).....	22
Figura 3 - Taylor e Mafee.....	28
Figura 4 - Axe, Stephanie e Taylor .....	32
Figura 5 - Axe e Taylor .....	33

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2. GÊNERO, GENDER-NONCONFORMING, NÃO-BINARIEDADE: NOTAS CONCEITUAIS</b> .....	11
<b>3. UMA TEORIA PARA PENSAR SÉRIES: A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS</b> .....	17
3.1. LGBTQIA+: REPRESENTATIVIDADE E REPRESENTAÇÃO NA MÍDIA.....	20
<b>4. MÉTODO</b> .....	24
4.1. PROCEDIMENTOS .....	24
<b>5. EXPLORAÇÕES INICIAIS: CONSTRUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA NÃO-BINARIEDADE</b> .....	26
5.1. CONTEXTO DA SÉRIE.....	26
5.2. FAMILIZARIZANDO-SE COM A PESSOA GÊNERO DIVERGENTE... ..	27
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	35
<b>7. REFERÊNCIAS</b> .....	39

## 1. INTRODUÇÃO

Gênero é uma das lentes sob a qual busco me compreender no mundo e, da mesma forma, o olhar do outro sobre mim: o que estão vendo e por que isso importa? Por vezes me encontro sendo espectadora e pesquisadora das minhas próprias experiências em sociedade, verificando o que meu corpo juntamente com a minha expressão de gênero desencadeia: nos outros, em mim mesma. O desejo de compreender de onde vem as pré-concepções que todos parecemos carregar, de um modo ou de outro, sobre expectativas de gênero e suas representações.

O espaço da internet, com suas produções independentes, foi a porta de entrada para minhas revelações sobre o impacto negativo do sistema de gênero sobre a minha subjetividade. Inicialmente, ter encontrado figuras com as quais eu conseguia me identificar de modos até então novos, foi o pontapé inicial para questionar o porquê de não haver tão mais. O processo de validar e conhecer dezenas de corpos que até então não existiam nem sequer na minha imaginação, foram me deixando com várias inquietudes: como estão sendo construídas as representações de pessoas gênero-divergentes na mídia? Existe, assim como para pessoas transsexuais binárias, um estereótipo ou padrão desejado? Qual o impacto dessa representação para as/os espectadores/as? Perguntas que nos inquietam, cujas respostas são muito complexas.

Até então, como muitas pessoas que já se sentiram como eu, nossas vivências são pouco faladas, escritas e registradas, e esta é uma tentativa de visualizar em que ponto nos situamos atualmente e prover *insights* sobre o que precisa ser melhorado referente à diferentes possibilidades de existência que pretendo contemplar ao pensar sobre representatividade na mídia.

Meu interesse pelas teorias feministas se deu a partir do ingresso na graduação de Psicologia, apesar de a temática ter começado a efervescer em espaços que eu frequentava há alguns anos. Em função do curso não contemplar em sua grade curricular esta temática, no terceiro semestre resolvi procurar grupos de pesquisa que me proporcionassem o aprofundamento que eu buscava. Ingressei em um projeto de mestrado sobre movimentos feministas de jovens, onde durante dois anos de estudos tive contato com autoras feministas, as pautas dos movimentos e suas mudanças através dos anos. Armada de novos conhecimentos, gradualmente minha visão sobre os recortes necessários para uma sociedade mais justa foi se ampliando, até chegar à compreensão de que o termo

“Feminismo Interseccional” deveria ser redundante, quando na verdade se apresenta como utópico em uma sociedade permeada por hierarquias e exclusões. Com o fim desta fase, adentrei meu primeiro estágio obrigatório em uma Unidade de Educação Infantil, onde pude interagir intensamente com crianças de 0 a 6 anos durante o período de um ano. Com o senso mais definido sobre a minha estética, diversas vezes fui questionada de maneira totalmente espontânea pelas crianças sobre minha expressão de gênero (“*Pôfi [profe], tu é menino ou menina?*”) e a partir disso comecei a pensar mais intensamente sobre o que nos constitui no olhar do outro e o impacto das características corporais sobre as leituras e estereótipos, bem como a constituição deles. Qual o impacto de um corpo fora do sistema binário quando ele não está visível na televisão?

Não-binário refere-se ao guarda-chuva dentro do espectro transgênero, definido como a não-identificação, total ou parcial, com os gêneros binários, ou seja, homem ou mulher. Pode contemplar várias identidades, como agênero, bigênero, gênero-fluido, gênero-queer, demigênero e muitas outras<sup>1</sup>. Portanto, a não-binariedade está incluída na comunidade LGBTQIA+.

A primeira pessoa não-binária que vi na TV, ou ao menos a primeira que eu lembro ter usado esta palavra, foi Syd de *One Day at a Time*, cerca de 3 anos atrás. Foi a primeira vez que percebi a ausência de representação, pois antes disso só conhecia pessoas na internet que não eram exatamente famosas. Em um segundo momento, descobri que uma personagem robô de uma série que já havia assistido era considerada como não-binária pelos produtores da mesma, porém nas telas o fato nunca foi explicitado. Essas inquietações ficaram comigo e quanto mais eu tentava buscar outros personagens não-binários na ficção, mais a situação se desdobrava: as recomendações mais frequentes eram os desenhos (*Steven Universe* sendo o principal) e a maioria dos (poucos) demais mantinham este rótulo por conta de estereótipos gênero-divergentes ou falas que poderiam ser interpretadas como de uma pessoa não-binária, mas de modo geral insuficiente para afirmar com clareza. Pouco tempo antes de definir o tema deste TCC, me deparei com a lista feita na Wikipédia de todos os personagens não-binários existentes na mídia, incluindo séries, filmes, animações, jogos...

A lista, que já é pequena, continha alguns personagens que não chegaram a explicitar claramente o rótulo identitário de gênero, e sua maioria não era humana: havia várias animações, ou seres como anjos, robôs e parte animal, por exemplo. Ao manter

---

<sup>1</sup> Fonte: Página Wikipédia sobre o gênero não-binário. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/G%C3%AAnero\\_n%C3%A3o\\_bin%C3%A1rio](https://pt.wikipedia.org/wiki/G%C3%AAnero_n%C3%A3o_bin%C3%A1rio)>. Acesso em 25/01/2021

somente os humanos, sobravam apenas alguns personagens, em sua maioria de séries que não obtiveram sucesso e foram canceladas rapidamente. Então, me deparei com um nome em destaque na lista: Taylor Mason. A primeira personagem não-binária a figurar na televisão norte-americana, integrante de uma série que atualmente está em sua quinta temporada, e foi assim que decidi assistir.

A intenção geral desta pesquisa é explorar as representações sociais conectadas às expressões de gênero não-binárias, através de Taylor Mason, personagem da série americana *Billions*, que se aponta historicamente como a primeira pessoa não-binária a aparecer na mídia *mainstream*. Especificamente, pretendeu-se analisar o discurso das/os personagens sobre o que é uma pessoa não-binária, observar a interação com as/os demais personagens (ex: respeitam pronomes e escolhas da pessoa, apresentam resistências, comentam sobre?) e acompanhar como elementos/estratégias/símbolos não-verbais/ocultos são usados como recurso para destacar a narrativa de gênero (ex: trilha sonora, ângulo da câmera, cenário...)

As questões que dispararam nossas inquietações foram: “Como são construídas as narrativas acerca de personagens não-binários em series televisivas?”; “A quem a série se dirige?”; e “Quais concepções/estereótipos acerca da não-binaridade o seriado reforça? E quais quebra/vai contra?”

Para tal, serão introduzidas algumas notas conceituais relativas a gênero, *gender-nonconforming* e não-binariedade. A seguir, abordamos a Teoria das Representações Sociais como uma possibilidade para pensar séries. Dividimos esse capítulo num segundo tópico, focando em aspectos relativos à representatividade e representação na mídia da população LGBTQIA+. Por fim, apresentaremos uma análise inicial do primeiro e do segundo episódio da segunda temporada da série *Billions*, quando focamos na aparição de Taylor.

## 2. GÊNERO, GENDER-NONCONFORMING, NÃO-BINARIEDADE: NOTAS CONCEITUAIS

Muitos conceitos são utilizados quando se fala sobre gênero; identidade, expressão e binarismo de gênero, cisgeneridade, normatividade... e muitas vezes as definições não são universais ou funcionam de modo subjetivo para cada indivíduo. Neste capítulo serão esclarecidos os principais conceitos e ideias necessários para o desenvolver da pesquisa.

O termo “Cisgênero” é explicado por Bagagli (2018) como oposto a Transgênero: O segundo faz referência a pessoas que não se auto identificam com o gênero atribuído compulsoriamente ao nascimento, de acordo com seu genital. Em oposição, pessoas cisgêneras são as que se identificam com o gênero que lhes foi designado ao nascer. “Cisgênero”, assim como “transgênero”, funcionam frequentemente como determinações às palavras “homem” e “mulher” (BAGAGLI, 2018, p. 13).

A partir desse conceito base, pode-se perceber que, assim como “cis” e “trans”, os conceitos de “homem” e “mulher” funcionam como categorias opostas que reforçam uma noção de dualismo: como extremos em pontas opostas, o “zero e um” da lógica computacional, ou um ou outro. Isso é o que se denomina binarismo de gênero. Essa concepção não se prova verdadeira, portanto, alguns esclarecimentos sobre esse sistema serão feitos a seguir. Em complemento, a definição da APA (American Psychological Association) para transgênero é a seguinte:

Transgênero é um termo guarda-chuva para pessoas cuja identidade de gênero, expressão de gênero ou comportamento não está em conformidade com o que é tipicamente associado ao sexo ao qual foram designados no nascimento. Identidade de gênero refere-se à sensação interna de uma pessoa de ser homem, mulher ou outra coisa; expressão de gênero refere-se à maneira como uma pessoa comunica identidade de gênero a outras pessoas por meio de comportamento, roupas, estilos de cabelo, voz ou características corporais. “Trans” às vezes é usado como uma abreviatura para “transgênero”. Embora transgênero seja geralmente um bom termo a ser usado, nem todo mundo cuja aparência ou comportamento em não-conformidade com o gênero se identificará como uma pessoa transgênero. As maneiras como as pessoas transgênero são faladas na cultura popular, na academia e na ciência estão mudando constantemente, especialmente à medida que a consciência, o conhecimento e a abertura dos indivíduos sobre as pessoas trans e suas experiências aumentam. <sup>2</sup>(APA 2011, p.1)

---

<sup>2</sup> Traduzido do Inglês. Citação original: “Transgender is an umbrella term for persons whose gender identity, gender expression or behavior does not conform to that typically associated with the sex to which they were assigned at birth. Gender identity refers to a person’s internal sense of being male, female

Aqui observa-se uma abertura maior do conceito e a possibilidade de inclusão de um novo, o *gender-nonconforming* ou, em português, gênero-divergente. Essa distinção é importante para o desenvolvimento deste trabalho; como reiterado pela definição da APA, nem toda a pessoa em não-conformidade com as normas de gênero se identificará como necessariamente trans. Assim, *gênero-divergente* opera como um termo guarda-chuva já que inclui uma infinidade de categorias identitárias, inclusive algumas que se cruzam com identidades cisgêneras e/ou heterossexuais:

O ativismo contemporâneo, como também organizações não governamentais, instituições públicas de apoio, estudiosos e pesquisadores de diversas áreas acadêmicas incluem diferentes tipos de identidades e expressões gênero-divergentes debaixo desse coletivo/espectro/guarda-chuva. Uma lista relativamente modesta incluiria pelo menos algumas das seguintes categorias de identidade: transexuais, travestis, *crossdressers*, homens femininos, mulheres masculinas, *dragqueens*, *dragkings*, transformistas (masculinos femininos), andróginos, *genderbenders*, *genderfuckers*, intersexuados, lésbicas masculinizadas, gays afeminados homens com corpos de fêmea e mulheres com corpos de macho e até mesmo, homens e mulheres ‘normais’ em todos os aspectos exceto na discordância quanto às normas de gênero que lhes são impostas (VALENTINE apud LANZ, 2014, p.85).

Outra distinção importante que se faz, portanto, é a de que aparência e comportamentos (expressão de gênero) não estabelecem uma linha direta com a identidade de gênero de uma pessoa, incluindo não-binárias. Como vimos, existe uma pequena infinidade de rótulos que alguém pode escolher para se nomear. Então, para sabermos de fato, é necessário que seja dito. Essa clarificação será importante por vários motivos, mas por hora ressaltamos que estaremos pensando nisso posteriormente para a análise das representações.

A seção da Wikipédia destinada a identidades de gênero não-binárias, chamada Nonbinary Wiki, define o termo da seguinte maneira: “Não-binário significa qualquer identidade de gênero que não seja estritamente masculina ou feminina o tempo todo e, portanto, não se enquadra no binarismo de gênero.”<sup>3</sup> É uma identidade que pode ser usada

---

or something else; gender expression refers to the way a person communicates gender identity to others through behavior, clothing, hairstyles, voice or body characteristics. “Trans” is sometimes used as shorthand for “transgender”. While transgender is generally a good term to use, not everyone whose appearance or behavior is gender-nonconforming will identify as a transgender person. The ways that transgender people are talked about in popular culture, academia and science are constantly changing, particularly as individuals’ awareness, knowledge and openness about transgender people and their experiences grow.” (APA, 2011, p.1)

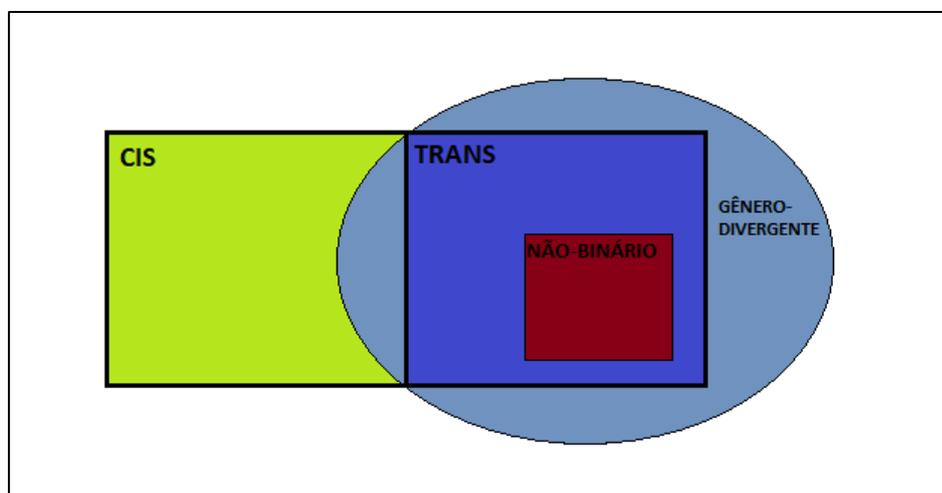
<sup>3</sup> Traduzido do Inglês. Citação original: “Nonbinary (also spelled non-binary) means any gender identity that is not strictly male or female all the time, and so does not fit within the gender binary.” Disponível em: < [https://nonbinary.wiki/wiki/Main\\_Page](https://nonbinary.wiki/wiki/Main_Page) >. Acesso em 06/12/2020

individualmente, ou enquanto um termo guarda-chuva que aborda várias outras enquanto um espectro.

Não há uma unanimidade sobre a posição da pessoa não-binária dentro de um dos dois grandes grupos (cis ou trans). A grande maioria concorda que, pelo fato de não se identificar com o gênero designado ao nascer, mesmo que parcialmente, isso automaticamente coloca a não-binária dentro da experiência transgênera. Entretanto, já vi discussões onde algumas pessoas afirmam que é possível se identificar simultaneamente enquanto cisgênera e não-binária.

Para todos os efeitos, no decorrer desse trabalho de conclusão de curso, ao referenciar pessoas transgêneras entende-se que a não-binariedade está contemplada também. E o conceito de gênero-divergente será reservado para o guarda-chuva maior de identidades que rompem com as expectativas de gênero, incluindo pessoas cisgêneras e expressões artísticas. Na figura 2, fica explicitado um breve esquema de como estou entendendo e tratando estes conceitos no presente momento, e direcionarei a atenção para onde está a personagem que analisarei depois: no não-binário.

Figura 1- Um breve esquema de categorias de gênero



Fonte: Autora (2020)

Compreende-se por identidade de gênero o modo como cada indivíduo se identifica em relação ao seu gênero (ex: mulher, homem, não-binário...), porém nem sempre a externalização deste irá seguir regras fixas. Cabe ressaltar que para isso utilizamos o termo expressão de gênero, que pode, ou não, estar alinhado com o que é socialmente esperado. Por exemplo, uma mulher não precisa ser feminina, assim como

um homem não precisa ser masculino ou uma pessoa não-binária, ser andrógina. Atualmente, existe um consenso sobre a noção de que identidade de gênero não necessita ser algo fisicamente visível, não está atrelada à expressão de gênero ou comportamentos específicos. Depende unicamente do fator subjetivo, da identificação individual. Entretanto, o dispositivo binário de gênero é um reforçador cultural de certas estereotípias, especialmente corporais, que reiteram as normas de gênero dentro da sociedade.

É importante observar, junto a Goffman (1985) que “Nosso idioma corporal compõe-se tanto de impressões que desejamos passar aos outros quanto impressões que emitimos inadvertidamente”. O autor pontua que o corpo é um “transportador de sinal”, e através de roupas, comportamentos, maquiagem, expressões de fala e emocionais... são transmitidas informações sobre nós e nossas relações, que transcendem até mesmo o que se deseja ocultar. Por meio de tais ideias e com o que já sabemos sobre o sistema binário de gênero, pode-se inferir que a forma mais comum e imediata de reconhecer a identidade de gênero de alguém é por meio da sua apresentação, que fará parte da leitura de um estereótipo. A percepção do outro é crucial na categorização de gênero, pois é através do binarismo que se estabelece uma hierarquia social, onde o controle dos corpos implica a manutenção do poder.

Isso porque gênero representa, antes de mais nada, um código de conduta social que tem uma linguagem específica, que se utiliza de símbolos específicos, que determina modos específicos de ser para as pessoas em função da genitália que apresentam entre as pernas ao nascer. Expressar uma identidade de gênero é, portanto, conduzir-se de acordo com o código de conduta social específico para o gênero no qual a pessoa deseja se expressar. (LANZ, 2014, p.115)

A autora nos traz uma perspectiva importante a ser considerada: o papel da cultura na determinação dos parâmetros de gênero. Temos sociedades onde é normatizado o uso de saias por homens, por exemplo. Provavelmente uma das principais características do sistema binário de gênero é a codificação das condutas, e, portanto, “as possibilidades de se expressar os desejos e prazeres” (LANZ, 2014, p. 47). Isso nos leva a pensar que não somente a expressão individual se coloca em jogo, mas todo o padrão do que é atrativo e aceitável para o Outro, o que poderá determinar a reação ao que está fora do socialmente determinado.

Novamente reitera-se o papel da mídia na propagação ou na ressignificação destes padrões. Tradicionalmente, é esperado que ela alimente os padrões cisnormativos pois é o que as pessoas, em sua maioria, são condicionadas a esperar e desejar; uma tendência

humana de direcionar a atenção para o que irá reforçar as próprias crenças, mesmo que exista em seu alcance possibilidades que sugiram o contrário delas. Preciado (2018) reitera esta mesma linha de pensamento enquanto traça um paralelo com a leitura Freudiana da realidade como sendo tanto material como psíquica:

[...] o real é o que você pode ver. Por outro lado, a ideia que postula um verdadeiro “sexo psicológico” distinto daquele que foi atribuído ao nascimento - em outras palavras, uma convicção subjetiva de ser um “homem” ou uma “mulher” - pertence ao modelo de invisibilidade radical, do não representável, e esse paradigma é próximo ao do inconsciente freudiano: uma ontologia imaterial. [...] É necessário imaginar os ideais biopolíticos de masculinidade e feminilidade como essências transcendentais das quais são suspensas estéticas de gênero, códigos normativos de reconhecimento visual e convicções psicológicas imateriais que levam o sujeito a se proclamar masculino ou feminino, heterossexual ou homossexual, cis- ou trans. (Preciado, 2018, p. 103)<sup>4</sup>

Portanto, compreende-se que apesar da dimensão material do gênero, a convicção psicológica da existência – ou não – de categorias binárias rígidas é fundamental para que, atreladas, estas duas dimensões alimentem uma a outra. O consenso, até onde se entendia, era sobre a existência de dois tipos de genitália (pênis e vagina), portanto a expectativa é de que existiriam dois tipos de gênero respectivamente (homem e mulher). Cabe reforçar essa inviabilidade também pelo conhecimento de que aproximadamente 1,7% das pessoas são intersexo<sup>5</sup>, apesar da invisibilidade dessa parcela da população. Se nem a biologia segue essa norma, então muito menos o gênero que é um construto puramente social. Além disso, vale novamente lembrar que uma expressão de gênero de acordo com as normas, não necessariamente implica uma identidade cisnormativa.

As múltiplas categorizações de gênero, portanto, se fazem necessárias porque quebram esse paradigma binário. As nomenclaturas existem (quase que excessivamente) pela necessidade de compreensão e visibilidade. Cabe ter atenção ao ver gênero com suas categorias dentro de um grande guarda-chuva, e não como coisas distintas ao fazer esses apontamentos de diferenciação.

---

<sup>4</sup> Traduzido do inglês. Trechos originais da citação: “[...] the real is what you can see. On the other hand, the idea that posits a true “psychological sex” distinct from the one that has been assigned at birth— in other words, a subjective conviction of being a “man” or a “woman”— belongs to the model of radical invisibility, of the nonrepresentable, and this paradigm is close to that of the Freudian unconscious: an immaterial ontology. [...] It’s necessary to imagine the biopolitical ideals of masculinity and femininity as transcendental essences from which are suspended aesthetics of gender, normative codes of visual recognition, and immaterial psychological convictions prompting the subject to proclaim itself male or female, heterosexual or homosexual, cis or trans” (Preciado, 2018, p. 103).

<sup>5</sup> AMNESTY INTERNATIONAL. Its Intersex Awareness Day - here are 5 myths we need to shatter. Fonte: < <https://www.amnesty.org/en/latest/news/2018/10/its-intersex-awareness-day-here-are-5-myths-we-need-to-shatter/>>. Acesso em 15/11/2020

Muito se reflete sobre a importância e finalidade dos movimentos sociais na luta para o reconhecimento de identidades plurais, em especial o feminismo. Diversas separações por vezes desconsideram os sujeitos fora da tradicional categoria “mulher”, como apontado por Preciado (2018, p.116) que critica o feminismo branco por usar o termo gênero como um instrumento que analisa a opressão das mulheres enquanto categoria estável universal, portanto limitando, encobrindo e excluindo sujeitos do feminismo ao produzir uma representação específica. É um exemplo que vai ao encontro com o apontamento de que o feminismo deve ser interseccional, ou seja, se alguém ‘é’ uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é (...) o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas (...) (BUTLER, 2003, p. 20).

Ao pensar em todos os recortes possíveis que podemos – e devemos – fazer para criar representações diversas e mais abrangentes dentro da comunidade LGBTQIA+, ficam claros os motivos da necessidade de mais conteúdo trans nas grandes mídias, em especial não-binários. É nossa posição de que, com apenas um ou outro personagem, jamais se conseguirá representar uma comunidade tão múltipla. Entendemos que quantidade não é qualidade, entretanto, a (quase) ausência de vidas nas mídias – grande personagem responsável pela construção de representações sociais – estamos fadados a invisibilizar, distorcer e estigmatizar vidas de pessoas não-binárias. Devemos lembrar que as mídias, ao criar a realidade, também (re) criam representações sociais (ROMANINI & ROSO, 2018).

### 3. UMA TEORIA PARA PENSAR SÉRIES: A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A Teoria das Representações sociais foi elaborada por Serge Moscovici (1925-2014), psicólogo social romeno naturalizado francês. Sua tese de 1961, intitulada *Psychanalyse, son image et son publique*, marca o início de seu trabalho no campo, ao estudar as “maneiras como a psicanálise penetrou o pensamento popular na França” (MOSCOVICI, 2011).

A tarefa de definir o que é as Representações Sociais pode se tornar complexa, pois segundo Jovchelovitch (2008) ela é tanto uma teoria quanto um fenômeno. A primeira busca explicar a produção e transformação dos saberes sociais, e o segundo compreende “as ideias, os valores e as práticas de comunidades humanas sobre os objetos sociais específicos, bem como sobre os processos sociais e comunicativos que os produzem e reproduzem.” (p.87).

As representações sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente, através duma palavra, dum gesto, ou duma reunião, em nosso mundo cotidiano- Elas impregnam a maioria de nossas relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos. (MOSCOVICI, 2007 p.10)

Em síntese, representações sociais se referem aos saberes sociais, suas produções, transformações e também sobre a representação desses saberes às realidades da vida cotidiana. Mas o que é uma representação? Guareschi (2011) aponta que “[...] os seres humanos todos “representam”. Nós temos essa capacidade extraordinária de prescindir do objeto material ao pensar nele, ao falar dele e até ao relacionarmos-nos com ele”, nos indicando que toda representação é social. (p.79)

Moscovici (2007) aponta que “[...] existe uma necessidade contínua de reconstituir o “senso comum” ou a forma de compreensão que cria o substrato das imagens e sentidos, sem a qual nenhuma coletividade pode operar.” (p.48) ao mesmo tempo em que elenca a função das representações sociais como “tornar familiar algo não-familiar” (p.54). Assim, destaca a estrutura que nos leva a aceitar e reproduzir os fatos e valores que já estão calcificados socialmente. É um processo coletivo que adentra o pensamento individual e “Quanto mais sua origem é esquecida e sua natureza convencional é ignorada, mais fossilizada ela se torna.” (p.41)

Representações são *prescritivas*, isto é, elas se impõem sobre nós com uma força irresistível. Essa força é uma combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta *o que* deve ser pensado. (MOSCOVICI, 2011 p. 36)

Seguindo Moscovici (2011), destaca-se a importância de dois processos pelos quais se torna o não-familiar em familiar: (a) Ancoragem, que se refere a dar nome ao que ainda não conseguimos classificar (e por esse motivo é ameaçador, nos provoca resistências). Ao rotular, é possível colocar esta coisa em uma categoria. (b) Objetivação, que significa tornar a coisa real, concreta para que saia do campo puramente imaginário e se torne, portanto, mais acessível e geral. É um processo mantido pelo coletivo.

As principais instituições sociais (família, igreja, escola, trabalho, Estado) portanto são primariamente reforçadores das regras que garantem a coesão dos indivíduos dentro de uma sociedade, assim como todo o considerado socialmente dominante em seu contexto histórico.

Com isso se observa um delicado balanço entre o novo e o velho: as representações sociais estão, por um lado, sempre em movimento, acompanhando os processos sociais, e por outro, garantindo a manutenção delas mesmas. É com isso em mente que Guareschi (2011) destaca a importância das minorias e dos movimentos sociais enquanto agentes de mudança:

Eles são frutos de tensões existentes na sociedade. Mas o específico deles é que eles estão ainda se construindo, com maior ou menor grau de estabilidade. Estão sempre sujeitos a avanços e recuos. Procuram se impor, se legitimar, ser aceitos pelo pensamento e instituições dominantes. Seu crescimento depende, passo a passo, de negociações com as forças dominantes no momento histórico de cada sociedade. (Guareschi, 2011 p. 82)

Novamente, é perceptível a influência da mídia hegemônica para a manutenção ou o tensionamento destas forças. Já sabemos que as representações são reforçadas e/ou modificadas constantemente, e agora cabe explorarmos o papel das mídias nesta equação, em específico as séries: do que se tratam, qual sua relevância e a relação com a Teoria das Representações Sociais.

Séries televisivas, ou seriados, dispensam apresentações: a narrativa contada em episódios pré-definidos distribuídos em temporadas ganhou uma popularidade imensa. Na televisão, novos episódios saem semanalmente e as temporadas podem se renovar a cada ano, durante vários anos, dependendo da audiência e dos interesses da produção. Mas com o advento da internet e suas facilidades, é possível ter acesso aos episódios simultaneamente a qualquer hora.

Silva (2013) sugere uma “cultura das séries” e elenca alguns motivos para a popularização das mesmas, entre elas a complexidade do roteiro que permite a fuga dos clichês que Hollywood tende a reproduzir nos filmes todos os anos; e a migração de vários diretores famosos do cinema para o mundo das séries. A singularidade das produções, enquanto marcas de expressão artística, propõem novidades enquanto um modo de se destacar na competitiva indústria midiática.

Além disso, Silva (ibid), traz a proposição de Colonna (2010) que um seriado se utiliza amplamente do recurso da repetição, e está ativamente modificando a esfera social:

A série de televisão repousa na repetição: retorno de personagens, de temas e de situações, redundância de diálogos e da banda sonora com a imagem, mas também de mecanismos narrativos baseados na reiteração como o *gimmick* ou o *leitmotiv*. Essa é a grande diferença em relação à ficção literária ou cinematográfica; é por isso também que ela substituiu o conto e o mito no imaginário popular. (COLONNA 2010 apud SILVA 2013, p.245).

Giacomini (2016) discute a obra “Do que as séries americanas são sintoma?” de François Jost (2012) apontando que o seriado produz no espectador um benefício simbólico ao fazê-lo conhecer o que ele até então não sabe que lhe é próximo (p. 226). Essa aproximação de mundos conversa muito bem com o “tornar familiar o não-familiar”.

Em adição ao “comportamento padrão” da era digital de acompanhar pela internet os conteúdos extras, trailers, materiais exclusivos - muitas vezes oferecidos pelas próprias produtoras para aumentar o engajamento -, há o incentivo ao compartilhamento do que você faz nas redes sociais e que inclui o conteúdo que consome. Você sai da série, mas continua interagindo com ela. Encontra pessoas que também assistem e produzem conhecimento sobre, especula sobre a trama com seus pares, pesquisa o elenco nas redes sociais, faz campanhas pra renovar mais uma temporada... Como reforça Silva,

Com a facilidade de acesso propiciado pelo digital [...] os fãs passam a demonstrar um conhecimento amplo sobre os modos de encenação, os diálogos, a caracterização dos personagens, o desenvolvimento das tramas e a montagem das cenas.” Podemos ver como as representações estão se produzindo nesse contexto, um grupo relativamente organizado criando valores em comum para um nicho específico. (SILVA 2013, p. 248)

Vale mencionar também que, com as ferramentas de monitoramento de atividade nos celulares e computadores, é possível identificar nichos de consumidores em potencial. Com a crescente presença de espaços LGBTQIA+ online, é bem possível que se tenha identificado uma demanda por novos conteúdos.

Quem detém a comunicação detém, em geral, o poder. As guerras modernas são guerras simbólicas, mediadas pela mídia. Os próprios movimentos sociais,

ou as revoluções, no momento em que se tornam maioria, ou hegemônicos, têm de levar em conta essa variável crucial, se quiserem sobreviver. A mídia se tornou hoje, um fato político. (Guareschi, 2011, p.89)

Apesar dos progressos, grande parte das produções sobre gênero, sexualidade e sobre os corpos de modo geral que circulam no *mainstream* vem de um contexto regulatório. Até mesmo produções consideradas inovadoras ou ousadas em seu modo de retratar tópicos considerados sensíveis estão levando em conta a aceitação pelo público geral, o que por consequência faz com que as escolhas para os elencos e personagens ainda sigam um padrão normativo na grande maioria das vezes. Portanto, como reforça Guareschi (2011) “É fundamental que os movimentos produzam uma espécie de “degelo cognitivo”, que surpreendam e mostrem as contradições, muitas vezes evidentes, mas fortemente escamoteadas pelas maiorias dominantes, existentes numa sociedade” (p.90).

### 3.1. LGBTQIA+: REPRESENTATIVIDADE E REPRESENTAÇÃO NA MÍDIA

Nas últimas décadas, podemos pensar em um ganho exponencial de visibilidade *queer*<sup>6</sup> e em um reconhecimento mais significativo das diversas identidades sexuais e de gênero. A própria atualização da sigla LBGT para LGBTQIA+<sup>7</sup> reflete esse crescimento, ao mesmo tempo em que somos convidados/as a pensar sobre a dificuldade que temos, tanto em compreender e tornar visíveis os vários rótulos que se fazem necessários em um sistema que exige “caixas” específicas, quanto em incluir o movimento na nossa linguagem do dia a dia. Se por um lado tornamos mais categorias visíveis a partir da inclusão de grupos diversos nas nomenclaturas, por outro, corremos o risco de nos distanciarmos do que é compreensível e praticável no dia a dia.

O fato de haver em nossa sigla termos não adaptados ao idioma, por exemplo o *queer* - não utilizamos essa identidade no Brasil, não temos uma tradução ou equivalência no português, também por ser uma teoria, além de um rótulo identitário – começa a nos indicar de onde vem nossas tendências, quem está as ditando e o que isso diz da cultura dominante. Identificando a velocidade com que a cultura *mainstream*<sup>8</sup> se espalha e a

---

<sup>6</sup>Queer: Literalmente traduzido do inglês, significa estranho, excêntrico. Utilizado por muitas décadas como uma ofensa para pessoas que se identificam como fora das expectativas sociais de gênero e sexualidade, atualmente é ressignificado como símbolo de resistência e empoderamento.

<sup>7</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais e outras variações de gênero e sexualidade

<sup>8</sup> Considerado normal, e ter ou usar ideias, crenças, etc. que são aceitas pela maioria das pessoas. Traduzido do Cambridge Dictionary (2020)

assimilação destas tendências, podemos antecipar o que chegará no Brasil. O filme *Bacurau*<sup>9</sup> é um exemplo certo disso: Lunga, o cangaceiro *queer* é um dos vários símbolos da sátira ao imperialismo americano e o confronto com a identidade cultural nacional. O que podemos esperar de um dos países mais transfóbicos<sup>10</sup> do mundo em relação ao futuro da representação de suas identidades transgêneras?

Minha proposta inicial de pesquisa foi imaginada no cenário brasileiro, mas ainda não temos no país a presença de pessoas não-binárias na grande mídia (filmes, novelas...). Isso aponta o interesse em uma via de mão-dupla: os veículos midiáticos são uma das principais ferramentas para visibilidade, além de serem construtores de representações sociais. Não temos personagens não-binários por ser um demográfico pouco expressivo, ou por que são invisíveis justamente pela falta de representação (presença) midiática?

De modo geral, historicamente o movimento LGBTQIA+ possui uma representatividade muito escassa na mídia – como será exemplificado a seguir - e por vezes, pejorativa. Como já apontado, a falta de pessoas gênero-divergentes nas telas nos leva a olhar para produções estrangeiras como referência, afinal são elas que ditam a tendência.

Em 2020, a Netflix lança um Documentário chamado *Disclosure*<sup>11</sup> que analisa as produções de Hollywood sobre a comunidade trans: inicialmente, quando as discussões a respeito de identidade de gênero eram menos difundidas, figuras *crossdressers*<sup>12</sup> eram associadas a patologias, fetiches e *serial killers*<sup>13</sup> em filmes de terror, ou utilizadas para dar o tom cômico, ridículo às cenas de comédia<sup>14</sup>. Em outros gêneros cinematográficos como o drama, com frequência ocorriam cenas teatrais de revelação do sexo biológico como um elemento chocante e, com frequência, repulsivo para os/as demais personagens da trama, o que implicava que personagens trans são impostores/as. Além de fomentar a ideia de tais reações serem naturais e esperadas, a retratação estereotipada era atuada por pessoas cisgêneras. Até o início do século, inicia-se uma tentativa de humanizar essas representações mostrando o drama da transgeneridade como permeado de sofrimento na

---

<sup>9</sup> BACURAU. Direção de Juliano Dornelles e Kleber Mendonça Filho. Pernambuco: Vitrine Filmes, 2019. (132 min)

<sup>10</sup> O Brasil ocupa o 1º lugar no ranking mundial dos assassinatos de pessoas trans há 10 anos. (BENEVIDES E NOGUEIRA, 2020)

<sup>11</sup> DISCLOSURE: Trans Lives on Screen. Direção de Sam Feder. Netflix, 2020. (108min)

<sup>12</sup> Pessoa que, sistemática ou eventualmente, cultiva o hábito de usar roupas do sexo oposto, por fetiche, geralmente sem conotação quanto à orientação sexual do praticante (Dicionário Michaelis, 2020).

<sup>13</sup> Exemplo: personagem de PSYCHO. Direção de Alfred Hitchcock. Paramount Pictures, 1960. (109min)

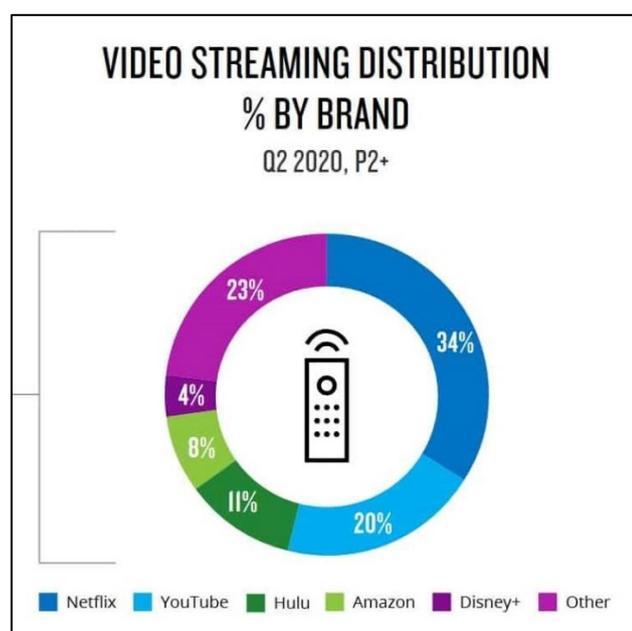
<sup>14</sup> Exemplo: cena de vômito em ACE VENTURA: Pet Detective. Direção de Tom Shadyac. Warner Bros., 1994 (86min)

intenção de produzir empatia, o que sugere que os/as personagens terão uma vida inteira de sofrimento, visto que a narrativa de vida dos/as mesmos/as revolve quase que exclusivamente ao redor do gênero. Atualmente, esse cenário começa a mudar em grande parte devido à reivindicação das pessoas LGBTQIA+ por uma representatividade condizente com a realidade.

Em 2019, o estudo da GLAAD<sup>15</sup> que avalia a representação LGBTQIA+ nas produções de Hollywood (o que inclui TV aberta, a cabo e os serviços de Streaming Amazon, Hulu e Netflix), apontou a existência de 38 personagens transgêneros atualmente ativos entre junho de 2019 e maio de 2020: 21 mulheres trans, 12 homens trans e 5 pessoas não-binárias. Destas cinco, apenas 2 figuram nas plataformas de Streaming, o que corresponde a 1% do total dos personagens LGBTQIA+.

A Netflix é a plataforma de streaming mais amplamente usada no mundo (Figura 1), com mais de 183 milhões de inscrições pagas em março de 2020<sup>16</sup>.

Figura 2 - Porcentagem de streaming por plataforma (2º bimestre de 2020)



Fonte: Comparitech (2020)<sup>17</sup>

<sup>15</sup> Gay & Lesbian Alliance Against Defamation é uma ONG estadunidense que desde 1985 monitora a representação midiática de várias minorias. Lista disponível em: <<https://www.glaad.org/sites/default/files/GLAAD%20WHERE%20WE%20ARE%20ON%20TV%2019%202020.pdf>>

<sup>16</sup> MOSKOWITZ, D. **Who Are Netflix's Main Competitors?**. Investopedia, 2020. Disponível em: <<https://www.investopedia.com/articles/markets/051215/who-are-netflixs-main-competitors-nflx.asp#>>. Acesso em 06/12/2020

<sup>17</sup> COOK, S. **30+ Video and music streaming statistics [2020 edition]**. Comparitech. Disponível em <<https://www.comparitech.com/tv-streaming/streaming-statistics/>>. Acesso em 06/12/2020.

O que o/a espectador/a vê, capta e assimila a partir da quase ausência de personagens não-binários? Que modelos se têm para a construção de representações sociais? O quanto as pessoas conseguem se identificar e como se identificam? Seriam esses um parâmetro para a “cultura não-binária” ao redor do globo? O que estão nos ditando e sugerindo? É possível ter complexidade e diversidade suficientes ao mesmo tempo em que a pessoa tem uma narrativa da vida além do gênero? Essas perguntas nos instigam a explorar esse universo midiático na sua relação com a veiculação e construção de representações sociais vinculadas à não-binariedade.

## 4. MÉTODO

Uma pesquisa qualitativa tem como característica o entendimento de um dado sem consideração por valores numéricos, como aponta Godoy (1995): “Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada” (p.21).

Tal método permite maior flexibilidade ao definir os rumos da análise, já que o/a pesquisador/a é convocado/a a compartilhar suas impressões e focos:

Considerando, no entanto, que a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques. (ibid)

Sob as premissas da Psicologia Social Crítica, que se constitui “no questionamento e na reflexão sobre os lugares-comuns e ideias dominantes propagadas pela chamada Psicologia Tradicional e/ou Hegemônica, visando assim construir outras formas de se estruturar o saber e prática psicológicos” (GRUDA, 2016), ou seja, questiona o lugar de vigência da ordem e seu impacto no contexto social.

### 4.1. PROCEDIMENTOS

Inicialmente, verifiquei quais os principais (primeiros) sites que continham listas de personagens não-binários, primeiro pesquisando em português na ferramenta de busca Google e, após, em inglês. A lista de personagens não-binários da Wikipédia, já mencionada anteriormente, no começo de 2020, se mostrou a única completa e atualizada periodicamente.

Da lista em questão, excluí os personagens de animações, livros, filmes, teatro, videogames, quadrinhos e outros, ou seja, tudo o que não era série. Dentro da última, desconsiderei os personagens não-binários que não se configurassem enquanto humanos.

Entre os restantes, considerei para a escolha: o tempo de tela da personagem não-binária, a explicitação da identidade de gênero (tanto na série quanto através da confirmação da produção envolvida, como entrevistas por exemplo), se a série ainda está em andamento e há quanto tempo, além de dar preferência para atores/atrizes e/ou diretores/as que também se identificassem como transgêneros na vida real.

A escolha da série *Billions* se deu ao constatar que foi a mais próxima de satisfazer todos os critérios e estar disponível na Netflix, além de não ter sido assistida previamente.

Ao assistir pela primeira vez, a tentativa foi de manter uma experiência casual e não criteriosa, permitindo que as impressões surgissem livremente sem a intenção de analisar em profundidade. Mantive um ritmo de, aproximadamente, um episódio por dia até o último episódio lançado, o sétimo da 5ª temporada.

Depois, houve a seleção dos episódios considerados mais relevantes para a construção e desenvolvimento da personagem, que de início foram vários, até a decisão de focar no primeiro e segundo episódio da segunda temporada, quando ocorre as primeiras aparições de Taylor. Durante este tempo, foram consumidos também materiais complementares à série, como vídeos, podcasts e entrevistas.

A segunda temporada, então, foi reassistida já com o foco nas cenas envolvendo Taylor, e durante as mesmas, minhas impressões e comentários foram gravados em áudio, assim como os diálogos importantes. As cenas a serem analisadas foram brevemente transcritas para auxiliar na percepção de detalhes. Esse processo de reassistir, gravar e anotar se repetiu algumas vezes, o que levou a um refinamento do conteúdo a ser, por fim, discutido.

A partir da base epistemológica da Psicologia Social Crítica e das leituras em representações sociais e de textos feministas, observamos os diferentes focos a cada vez que revíamos as cenas. Consideramos, nesse processo: (a) o que a parte visual e os diálogos poderiam estar indicando, observando se entram em choque com outros elementos da narrativa, (b) o que os personagens que estão contracenando acrescentam ao subtexto, e quais suas motivações e (c) quais estereótipos estão presentes e como os mesmos compõem as representações sociais relativas às pessoas não-binárias.

## 5. EXPLORAÇÕES INICIAIS: CONSTRUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA NÃO-BINARIEDADE

Nesse estudo, tivemos como objetivo geral explorar as representações sociais conectadas à identidade não-binária de Taylor Mason.

Considerando que as representações são sempre contextuais, é importante pensar que ela não irá falar sobre todas as pessoas não-binárias, e sim nos mostrará quais as inferências sobre esta em específico. Após situar a série e os personagens envolvidos, construiremos uma análise inicial do primeiro e do segundo episódio da segunda temporada. Essa análise é uma exploração de alguns elementos discursivos e visuais que podem nos dar pistas sobre possíveis representações desta categoria gênero-divergente.

### 5.1. CONTEXTO DA SÉRIE

Billions<sup>18</sup> é uma série de TV estadunidense, criada por Brian Koppelman, David Levien e Andrew Ross Sorkin. Estreou em janeiro de 2016 e atualmente está em sua quinta temporada, já com a sexta confirmada. A trama principal da série conta a história de Bobby “Axe” Axelrod (interpretado por Damian Lewis), um gigante do mundo dos investimentos na busca de cada vez mais riqueza e seu embate com Chuck Rhoades (interpretado por Paul Giamatti), promotor-chefe do distrito de New York que tenta provar as manobras ilegais de Axe nas finanças. Até o momento, 55 episódios foram ao ar, cada um entre 54 e 60 minutos de duração. Possui classificação etária de 16 anos por conter linguagem imprópria, sexo e drogas. Foi avaliado com nota 8,4 pelo IMDB<sup>19</sup> e possui um score de 88% no Rotten Tomatoes<sup>20</sup>, ambos renomados sites de críticas.

Neste momento, nosso foco estará nas cenas em que os seguintes personagens estão envolvidos:

Taylor Mason: *interpretada* por Asia Kate Dillon<sup>21</sup>, igualmente de gênero não-binário, 36 anos, *nasce* em New York - USA, também *conhece* por seus papéis na

---

<sup>18</sup> Site oficial da Série: <<https://www.sho.com/billions>>. Acesso em 27/01/2021

<sup>19</sup> Página de Billions no site IMDB: <<https://www.imdb.com/title/tt4270492/>>. Acesso em 27/01/2021

<sup>20</sup> Página de Billions no site Rotten Tomatoes: <<https://www.rottentomatoes.com/tv/billions>>. Acesso em 27/01/2021.

<sup>21</sup> Perfil de Dillon no IMDB: <<https://www.imdb.com/name/nm3545872/>>. Acesso em 27/01/2021

série *Orange is The New Black* (2013-2019) e no filme *John Wick 3* (2019). Taylor é uma pessoa branca, magra, de olhos azuis, cabelo raspado e seu nome pode ser atribuído a qualquer um dos gêneros, sendo considerado neutro. Tanto Taylor quanto Asia utilizam pronomes neutros de tratamento.

Dudley Mafee: interpretado por Dan Soder<sup>22</sup>, 37 anos, nascido em Colorado - USA, também conhecido pelo filme *Descompensada* (2015) e sua carreira na comédia stand-up. Maffee é um homem branco, alto, de olhos azuis, cabelo castanho liso e curto que trabalha na empresa de Axe. Seu nome remete à dinheiro, pois a palavra *fee* em inglês significa taxa.

Bobby Axelrod: interpretado por Damian Lewis<sup>23</sup>, 49 anos, nascido em Londres - Reino Unido, também conhecido pelas séries *Homeland* (2011-2020) e *Irmãos de Guerra* (2011). Axe é um homem branco, alto, de olhos claros, cabelo ruivo liso e curto, dono da empresa Axe Capital. “Axe”, como é chamado por todos/as/es, significa machado em inglês, cujo simbolismo remete à poder, batalha e força<sup>24</sup>.

Stephanie Reed: interpretada por Shaunette Renée Wilson<sup>25</sup>, 31 anos, nascida em Linden – Guiana, também conhecida pelo filme *Pantera Negra* (2018) e pela série *The Resident* (2018-2021). Stephanie é uma mulher negra, de olhos castanho escuros, cabelo crespo curto. O sobrenome Reed pode ser traduzido como caniço, que foi um símbolo judeu de justiça e equilíbrio.<sup>26</sup>

## 5.2. FAMILIZARIZANDO-SE COM A PESSOA GÊNERO DIVERGENTE

As Representações Sociais, como já vimos, são importantes para a construção e reconstrução das representações nas séries e vice-versa, através de elementos como estereótipos, mitos e estigmas.

<sup>22</sup> Perfil de Soder no IMDB: <<https://www.imdb.com/name/nm4522036/>>. Acesso em 27/01/2021

<sup>23</sup> Perfil de Lewis no IMDB: <<https://www.imdb.com/name/nm0507073/>>. Acesso em 27/01/2021

<sup>24</sup> PROTAS, A. **Dictionary of Symbolism – Axe**. Disponível em: <<http://umich.edu/~umfandsf/symbolismproject/symbolism.html/A/axe.html>> Acesso em 23/01/2021

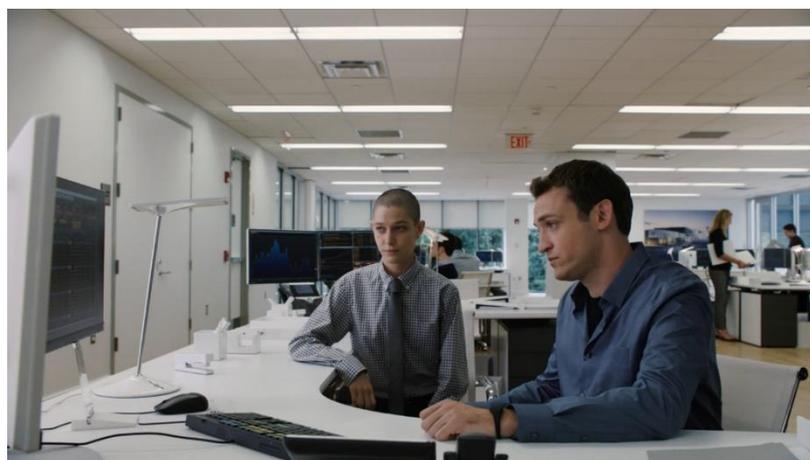
<sup>25</sup> Perfil de Wilson no IMDB: <<https://www.imdb.com/name/nm8189246/>>. Acesso em 27/01/2021

<sup>26</sup> KIRALFI, A. The Golden Reed. In: **The Journal of Legal History**. vol 11. p.451-452, 2007. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01440369008531017?journalCode=flgh20>>. Acesso em 28/01/2021

Retoma-se aqui a importância do construto da ancoragem, e sua função de nomear e categorizar o que não ainda conseguimos classificar. Os elementos citados no parágrafo acima, quando identificados, nos auxiliarão a pensarmos no espectro gênero-divergente, já que eles terão a função de nos familiarizar com o que nos é estranho. A partir disso poderemos fazer inferências sobre as implicações desses elementos.

No primeiro episódio da segunda temporada, cujo título é “Gerenciamento de risco”, aos 34 minutos decorridos da série, vemos Mafee (à direita, na Figura 3), um em conversa com uma pessoa (à esquerda) que até então é desconhecida por não ter aparecido anteriormente em nenhum episódio. Ambos estão sentados compartilhando a tela do mesmo computador que está na mesa em frente a eles.

Figura 3 - Taylor e Mafee



Fonte: Billions (2017)

O ângulo da câmera nos convida a reparar nessa pessoa de postura ereta, cabelo raspado, camisa xadrez e gravata, até então seguindo um código padrão de vestimenta. Os rápidos segundos, até que o foco se mova para o rosto de Mafee, vestido mais informalmente, entretanto, são suficientes para que a sensação de estranhamento se estabeleça: a figura que vemos em contraste com o outro parece ser demasiado pequena, o tempo é apenas o suficiente para que se registre uma diferença, mas é necessário acompanhar o diálogo. O impacto se estabelece, mas não há tempo de explorá-lo agora.

Percebemos que ele está explicando uma operação e as dificuldades que encontra, enquanto a câmera foca somente nele. Em seguida, se move para o rosto da outra pessoa. Independentemente do que possa ser assumido ou não ao ouvir a voz pela primeira vez, dá indícios de se tratar de uma pessoa gênero-divergente, com base na aparência estética.

Desta vez, o ângulo da câmera a coloca em evidência, em um jogo de alternância entre os rostos de ambos durante a conversa. O tom e a complexidade do assunto sugerem que Mafee está se posicionando de igual para igual, como alguém que respeita o conhecimento desta pessoa desconhecida, sugere ser alguém de importância. A curiosidade aumenta: quem é? Existe um poder ali?

A pessoa desconhecida se apresenta cética quanto ao método do *trader* e parece não ter problema nenhum em dizer que a estratégia dele não é eficiente. Sentimos que é alguém que não tem problemas em questionar hierarquias. Sua postura segura e confiante ao apontar uma estratégia melhor demonstra eficiência, já que Mafee não é mais um novato na empresa. Diante da solução, o vemos reconhecendo que precisa da pessoa ali, depois que o estágio acabar, pois sem ela seu desempenho não é satisfatório. Uma sugestão de sorriso contido aparenta satisfação com tal reconhecimento, mas por algum motivo ainda desconhecido, a proposta não parece receber aprovação imediata ou entusiasmo por parte da pessoa estagiária. Nenhum trabalhador da Axe Capital que conhecemos até agora reagiria assim. Por que esta adota uma postura diferente?

O pareamento com Maffee, que representa um homem sensível, por vezes pateta, que é fortemente movido pelo senso de fazer a coisa certa, de um ponto de vista ético, pode provocar uma sensação ambígua: fica claro que eles já se conhecem e estabeleceram uma relação de confiança no trabalho; portanto, devemos seguir os instintos de Maffee e buscar aceitar essa pessoa logo de cara, ou ele está sendo manipulado por seu bom coração?

A conversa inicial é interrompida com a chegada de comida: “*I ordered you lunch*”<sup>27</sup>, diz Mafee. Ao perceber que o prato para a pessoa estagiária era vegano, ele é questionado sobre os motivos pelos quais ele supôs tal dieta. Entre brincadeiras (e depois, verdades) sobre seguir o veganismo, é possível fazer inferências sobre alinhamentos ideológicos, como opressões e comportamentos considerados “alternativos”, parte de minorias. A frase “*Of course I’m a vegan*”<sup>28</sup>, no contexto do diálogo, convida o/a espectador/a a confirmar suas suspeitas sobre os estereótipos que o permeiam, tanto positivos quanto negativos, gerando um “nó polêmico”, conforme estudo de Rosa, Portini e Bocci (2019, p.2129). Ao mesmo tempo em que Mafee supõe o veganismo deste indivíduo, colocando essa prática num polo aparentemente positivo, ele parece associar a um estereótipo do diferente, do divergente. Assim, pensamos ser importante que se

<sup>27</sup> Tradução: “Eu pedi comida para você”.

<sup>28</sup> Tradução: “Claro que eu sou vegan.”

considere que o que está sendo sugestionado depende das representações sociais que chegam a cada um, de acordo com os contextos culturais em que se encontram. Além disso, observamos o movimento de ancoragem, quando Mafee se apoia em um saber sobre o veganismo para tornar familiar aquilo que inicialmente é estranho – uma pessoa de gênero divergente. Como ela não seria vegana, sob essas condições?! E, no fim das contas, era mesmo.

Mafee, fazendo jus ao seu temperamento, se coloca como uma pessoa preocupada em compreender o funcionamento do outro. Se chateia ao achar que tinha feito uma presunção errada, e depois visivelmente relaxa quando percebe que era só uma brincadeira. Sua postura aberta e sem pretensões oferta uma sugestão de interação saudável, o que parece ter sido muito intencional; da mesma forma, não foram utilizados nome ou pronome em momento algum, o que faz o expectador alimentar suas curiosidades, questionamentos e, quem sabe, passar um tempo com seu desconforto até obter algumas respostas.

Um aspecto relevante sob olhares feministas é observar que é Mafee, o homem, que pede comida pelo outro, sem inquerir se deseja almoçar e muito menos o que comer. Aqui observa-se a manutenção de um padrão hierárquico típico de sociedades patriarcais, quando é costume os homens assumirem a posição “ativa”, de decisão.

Na sequência, Mafee pensa em como convencer a pessoa estagiária a permanecer na empresa. Ambos chegam ao consenso de que a estratégia de convencimento padrão usada nos estagiários (diversão regada a dinheiro, com “hot girls”<sup>29</sup>) não vai funcionar nesse caso, outro reforço do diferente.

No episódio seguinte, intitulado “Voo da Galinha” um pouco depois da marca dos 8 minutos, vemos Mafee e Axe, o dono da empresa e personagem principal, em uma conversa em seu escritório. O *trader* explica uma estratégia, quando Axe percebe que a ideia não surgiu dele e ordena que tragam quem a teve. Importante destacar que foi presumido que fosse um homem (“*Then get him in here*”)<sup>30</sup>. A cena corta para a nuca da pessoa gênero-divergente, a caminho do escritório, como se nos sinalizasse uma atenção extra. A pessoa apresenta-se. Taylor. Pronomes *they/them*.

Axe, com a mesma expressão de antes, dá levemente de ombros e diz apenas “Ok”. Como se estivéssemos assistindo uma partida de pingue-pongue, vemos ele e Taylor em uma sucessiva troca de informações, construindo um raciocínio complexo a

---

<sup>29</sup> Tradução: “meninas gostosas”.

<sup>30</sup> Tradução: “Então traga ele aqui.”

partir da combinação do que ambos sabem. O tom da troca parece um teste mútuo, com *elu* não se intimidando perante ao poder do chefe. Quando Taylor aponta o próximo passo, Axe age como um mentor e diz o que mais é necessário fazer, o que parece simultaneamente um reforço pelo bom desempenho e uma demonstração de experiência e poder. Sob uma perspectiva feminista, podemos apontar que é esperado de Axe que se coloque nesta posição dominante, mas não de Taylor. Ao sair do escritório, a câmera foca nele e em sua expressão impressionada, que novamente poderia ser lido como se ele não estivesse esperando ter sua demonstração de poder nivelada.

Axelrod é tido como astuto e inteligente, ascendendo de uma infância pobre até o topo de forma autodidata, e cabe pensar que sua posição enquanto homem, branco heterossexual e cisgênero alavancou o processo. Entretanto, é conhecido por sua obsessão em sair vencedor de todas as situações e agir duramente com seus funcionários para obter isso, além de ser extremamente vingativo com quem não é leal a ele. Sabendo dessas informações, a interação anterior se torna ainda mais interessante: ele é dificilmente impressionável, e muito raramente dedica sua atenção completa a algum subordinado.

Mais tarde no mesmo dia, aos 21 minutos do mesmo episódio, uma interação semelhante à anterior ocorre: uma atualização dos achados que leva a ordens sobre o próximo passo. Novamente, Mafee é quem tenta falar primeiro, dizendo que **ele** tinha mais informações, e Axe responde “*No, get your better half in here*”<sup>31</sup>, que só então sinaliza para Taylor entrar no escritório. E, novamente, ao sair, vemos uma troca silenciosa entre o dono e Stephanie Reed, a chefe de gabinete recém-contratada, onde ele levanta uma sobrancelha para ela e seu rosto estampa a mensagem: aí está alguém promissor.

Cabe aqui, também, um recorte racial ao pensarmos sobre a função da figura desta mulher negra em um ambiente tão branco, tanto físico quanto de pessoas ao redor, que a destaca visualmente ao mesmo tempo em que a coloca como uma sombra de Axe, aparecendo nos cantos ou em desfoque na maior parte das cenas em que aparece. Apesar de este ser seu trabalho, que é analisar todas as interações entre ele e seus funcionários, abre brecha para reflexões acerca do tokenismo<sup>32</sup>, pois, diferente de Taylor, Stephanie não se desenvolve enquanto personagem. Nos poucos momentos em que fala, são frases curtas que não oferecem muito sobre quem ela é.

---

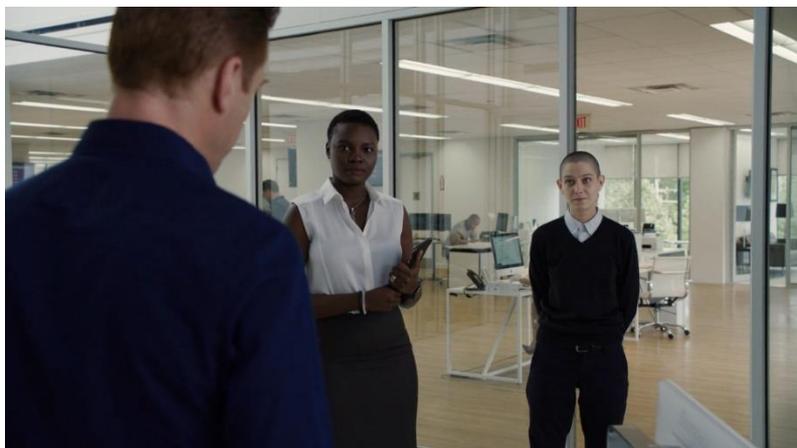
<sup>31</sup> Tradução: “Não, traga sua melhor metade pra cá”

<sup>32</sup>FOLTER, R. O que é tokenismo? Politize!, 2020. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/tokenismo/>> Acesso em 27/01/2021.

Uma cena muito importante, uns segundos após a marca de 36 minutos do segundo episódio, ocorre sem a presença de Taylor. Quando Dollar Bill, um outro *trader* se impressiona com os achados *delu*, pergunta à Axe e seu superior, Wags, se “*She spotted that from outer space?*”<sup>33</sup>. O chefe imediatamente o corrige: “*Not she. They.*”<sup>34</sup> A reprimenda sobre o uso incorreto dos pronomes, ainda mais sem Taylor estar ali, dita um precedente importante. E ao ser feita por Axe, adiciona um peso ainda maior; sua seriedade é evidente, feita para atingir também o/a espectador/a.

Ao se aproximar o fim do episódio, no minuto 39, vemos a culminação das intensas interações entre os dois e o resultado positivo das ações de Taylor para a companhia (Figura 4), e neste momento Axe percebe que está sendo testado também. O curioso é vê-los interagindo quase como se não houvesse alguém fisicamente entre ambos. Pela primeira vez sem o acompanhamento de Stephanie (o que pode ser lido como uma concessão de privilégio, mas também novamente questiona a função dela ali) ele sai de seu escritório com Taylor em seu encaixo. Nota-se a diferença de ambiente em simultâneo com a mudança do tom da conversa, mais pessoal, à medida que vão para espaços cada vez mais abertos. O movimento do interno para o externo fomenta essa percepção de abertura.

Figura 4 - Axe, Stephanie e Taylor



Fonte: Billions (2017)

A pessoa estagiária admite que estava buscando um momento em particular e logo após um corte, chegam ao fim do caminho: uma área externa do prédio (Figura 5). Axe

<sup>33</sup> Tradução: “Ela percebeu isso do espaço sideral?”

<sup>34</sup> Tradução: “Não ela. *Elu.*”

insiste em convencer Taylor a trabalhar ali, enquanto *elu* parece hesitar, apresentar motivos para não fazer isso, e diz: *“I don’t know if you can understand, maybe me being the way I am, but just breathing the air here can be discomfoting”*<sup>35</sup>. O chefe então parece mudar de estratégia, desta vez confirmando o que Taylor disse: *“Nah, you don’t belong here. You’re outside of it all. Sometimes you catch yourself, watching all the people like they’re another species. So you retreat, behind your aquarium walls, watching. But you don’t realize, Taylor, that glass is not a barrier. It’s a lens, an asset. It’s what makes you good. You see things differently. That’s an edge.”*<sup>36</sup>

Durante o discurso, vemos a expressão de Taylor se abrir pouco a pouco, o reconhecimento tomando conta de seus olhos. Eles fecham um acordo de contrato semanal. Axe, portanto, passou no teste: ele entendia. Novamente, é importante notar o recurso do homem que está no topo da cadeia de privilégios (branco, rico, cisgênero, heterossexual, sem deficiência visível...) além de ser um personagem principal, para de certo modo validar e confirmar a experiência de Taylor enquanto gênero-divergente. Essa prática pode funcionar, também, como função de ancoragem ao ser explicada por uma pessoa que é mais facilmente compreendida pelo/a espectador/a, ao mesmo tempo em que funciona como um ponto em favor de Axe para que seja mais adorado pelo público.

Figura 5 - Axe e Taylor



Fonte: Billions (2017)

<sup>35</sup> Tradução: “Não sei se você consegue entender, talvez por eu ser do jeito que sou, apenas respirar o ar aqui pode ser desconfortável.”

<sup>36</sup> Tradução: “Não, você não pertence aqui. Você está fora de tudo. Às vezes você se pega olhando as pessoas como se elas fossem outra espécie. Então você se retira nas paredes do seu aquário, observando. Mas você não percebe, Taylor, o vidro não é uma barreira, é uma lente, uma habilidade. O que lhe torna bom. Você vê as coisas de um jeito diferente. Isso é uma vantagem.”

Os episódios seguintes mantêm uma narrativa que aponta como Taylor é destoante naquele espaço, mantendo o discurso do desconhecido. Porém, Axe recompensa este fato porque acrescenta valor ao grupo e à sua empresa, agindo como um incentivador para que Taylor se encontre ali. O que parece acontecer, progressivamente, o que pode ser uma análise para outro momento.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando tomei a decisão de pesquisar sobre o tema da não-binariedade, já imaginei que teria pela frente um processo de construção de escrita solitário: o contexto de isolamento social removeu possibilidades de pesquisa envolvendo encontros presenciais; além disso, raramente temos essas discussões contempladas em espaços acadêmicos e poucas produções científicas se debruçam de fato sobre isso: vários/as autores/as fazem, sim, críticas ao sistema binário, mas na maioria das vezes, fica por isso. Rapidamente percebi que eu precisaria escrever o que eu gostaria de ter lido, quando estava pesquisando e descobri que não existia. Isso implicou em, muitas vezes, não ter as fontes tidas como “confiáveis” para fomentar o que eu estava buscando dizer, foi necessário adaptar as perspectivas binárias e dialogar nesse espaço da falta. Em alguns casos, eu seria a minha melhor fonte de informação. Todavia, as colocações acima também funcionaram como motivações que me impulsionaram através das inseguranças e dos momentos de desânimo, fortalecendo o desejo de trazer novas perspectivas para as produções científicas.

A psicologia, por si, necessita da sensibilidade do olhar interseccional para ser realmente efetiva em seus resultados e acolhedora das subjetividades, porém seus teóricos tradicionais pouco expressavam essas preocupações em seus contextos históricos. O modo como aprendemos, muitas vezes, não se mostra inclusivo e tampouco otimizado para a sociedade em que vivemos hoje. Pensando sobre e sentindo essa necessidade em minha trajetória acadêmica, aponto a importância da atenção aos detalhes para que, enquanto profissionais, consigamos otimizar as inegáveis contribuições teóricas que aprendemos, ao ter em vista o peso das questões sócio-histórico-culturais, em especial ao considerar as subjetividades divergentes.

Considero os objetivos concluídos parcialmente, já que nem todas as respostas que eu buscava foram obtidas satisfatoriamente nos primeiros episódios. Porém, no decorrer da série e com uma análise em maior escala, teria sido possível ter uma dimensão mais clara dos pontos que ficaram em aberto, em especial sobre os estereótipos e a relação dos mesmos com a Teoria das Representações Sociais. Me parece equivocado inferir um padrão baseado em alguns minutos de tempo de tela, sem considerar que estamos olhando para apenas uma série.

Os objetivos que julgo concluídos de maneira satisfatória foram os que abordam a construção do discurso da não-binariedade, primeiramente através do modo como Taylor se coloca e fala sobre si, e depois sobre o modo como os demais fazem o mesmo em relação à dimensão do gênero. Gostaria que o termo não-binário tivesse aparecido explicitamente em algum diálogo, porém o pronome *they*, em conjunto com todos os recursos de diferenciação em relação aos colegas de trabalho de Taylor, são suficientes para dar o recado. Em adição, os materiais promocionais e de bastidores explicitam<sup>37</sup> a identidade de gênero desde o início.

É frequente, em produções sobre pessoas do espectro trans, que se foque muito nas questões de conflito com o corpo, e por consequência o sofrimento enquanto experiência universal no processo de aceitação, individual e/ou do meio. É extremamente encorajador que Taylor aparente tranquilidade e segurança sobre sua identidade e expressão, quebrando o paradigma de que toda a experiência trans é permeada por angústia e tom dramático. Esta naturalidade abre espaço para que se torne um personagem multifacetado e possua um desenvolvimento na série que não tem relação com a não-binariedade. É uma discussão que vem ganhando força: é necessário que existam na TV pessoas normais, com vidas normais, que por acaso são trans. Acredito que este estilo de narrativa é o mais adequado para que consigamos incorporar naturalidade para a questão, ou seja, tornar familiar o não-familiar.

Outro ponto importante é a identificação, ou seja, a possibilidade de visualização de novas possibilidades para si, especialmente jovens, durante o processo de constituição identitária. Ter novas referências de subjetividades à disposição torna viável que novos caminhos sejam considerados, que antes não existiam por não serem vistos. Deriva dessa lógica, a importância de se colocar em movimento outras representações sociais, que possibilitem rupturas em preconceitos, nos estigmas e nas violências de gênero.

O modo como os outros personagens tratam e se referem a Taylor, em especial Maffee e Axelrod, que foram os primeiros, dita o que se espera dos demais. Na cena em que o pronome não é respeitado, dois pontos surgem para a discussão: a noção de que existem pessoas que cometerão erros, sejam eles intencionais ou não, e o/a espectador/a que se identificar com isso saberá que não deve tornar disso um hábito, pois Dollar Bill foi corrigido.

---

<sup>37</sup> “*Meet Taylor Mason (Asia Kate Dillon) | Billions | Season 2*”. Disponível em: <https://youtu.be/Ow6VVQO2Q-o>

Outras questões surgiram a partir do desenvolvimento de novas tramas envolvendo Taylor nas temporadas seguintes, e também a partir do levantamento teórico, que me despertaram o desejo de prosseguir com a pesquisa, da mesma forma que abro o convite para os/as próximos/as pesquisadores/as, se assim acharem pertinente:

- Estudar o impacto dessa representação nas pessoas que assistiram a série, através de grupos focais.
- A dimensão da sexualidade, já que o primeiro interesse romântico de Taylor na série é um homem, e depois uma mulher, e não há o uso de nenhum rótulo identitário (semelhante ao gênero). Surgem muitas possibilidades de interpretação em relação às semelhanças e diferenças das dinâmicas de gênero entre os casais.
- Se faz pertinente mais pesquisas sobre o que existe de representatividade não-binária: seja considerando outros personagens da atualidade ou até mesmo comparando vários, para que se tenha uma noção mais completa sobre os estereótipos desse demográfico e seja possível compreender as tendências, o que está bom e o que precisa melhorar.
- Verificar de que forma os estereótipos *hollywoodianos* reverberam nas pessoas não-binárias do Brasil, por ser a representação por vezes mais acessível.
- Que seja incluída a identidade não-binária nas pesquisas sobre transgeneridade de modo geral, visto que muitas vezes elas contemplam apenas homens e mulheres trans.

Durante a escrita do trabalho, me questionei se era possível e praticável tentar modificar meu uso de palavras de modo a não usar nenhum pronome para Taylor durante a primeira cena, já que nada havia sido dito nesse sentido. Apesar do êxito, exigiu uma vigilância enorme sobre o modo como eu iria me expressar: é um cuidado que mexeu nas palavras enraizadas do nosso cotidiano, fez repensar o que estava no automático. Escancarou o quanto a língua portuguesa é naturalmente generificada e modificar isso é um esforço para sermos mais inclusivos. Entretanto, utilizar esta estratégia me pareceu muito mais exaustivo do que utilizarmos um pronome neutro.

Penso que a necessidade de criar um pronome neutro, tal como *elu*, *ile* e tantos outros pode ter surgido a partir das línguas que possuem tais recursos. Mesmo que não existam de modo formal no português, tornariam a língua mais acessível, porque não

altera a estrutura dela salvo o contexto específico dos pronomes, e, portanto, parece ser o mais praticável para todos/as. Muito da resistência que se dá em relação aos neopronomes pode estar vindo de raízes transfóbicas, afinal a língua está a nosso favor, e não o contrário. Ela se atualiza de acordo com as necessidades da população que a utiliza e um bom exemplo é as gírias e memes que surgem constantemente. Muitos termos e expressões entraram em desuso e outros os substituíram, e da mesma forma que tentamos eliminar expressões racistas, o capacitistas... de nosso vocabulário, penso que para nos tornarmos seres humanos melhores devemos pensar em equidade e nas necessidades de cada um.

Pensar sobre as relações pautadas em gênero ainda é um exercício constante, é a compreensão de como o poder se estabelece de acordo com o que os olhos veem e a sociedade interpreta. Maior visibilidade é uma necessidade das minorias, mas é preciso que esta visibilidade aja em favor das mesmas. A representatividade (visibilidade e participação) é importante para que sejam pensadas políticas igualitárias e a garantia de direitos para as minorias em questão, além de aceitação e dignidade na esfera social. Sendo assim, a visibilidade midiática, quando positivamente executada, implica um processo de naturalização do que antes era desconhecido, e que pode auxiliar a parar o ciclo estranhamento-medo-violência. Assim, cabe continuar pensando na função da mídia para a perpetuação de certas representações sociais e a construção de representações que fomentem vivências mais saudáveis e inclusivas.

## 7. REFERÊNCIAS

ACE VENTURA: Pet Detective. Direção de Tom Shadyac. Warner Bros., 1994 (86min).

AMNESTY INTERNATIONAL. **Its Intersex Awareness Day - here are 5 myths we need to shatter.** Fonte: <<https://www.amnesty.org/en/latest/news/2018/10/its-intersex-awareness-day-here-are-5-myths-we-need-to-shatter/>>. Acesso em 15/11/2020.

APA—American Psychological Association. **Answers to your Questions About Transgender People, Gender Identity and Gender Expression.** Washington-DC: American Psychological Association, 2011.

ASIA Kate Dillon. **IMDb.** Disponível em: <<https://www.imdb.com/name/nm3545872/>>. Acesso em 27/01/2021.

BACURAU. Direção de Juliano Dornelles e Kleber Mendonça Filho. Pernambuco: Vitrine Filmes, 2019. (132 min).

BAGAGLI, B. “**Cisgênero**” nos discursos feministas: uma palavra “tão defendida; tão atacada; pouco entendida”. Campinas, 2018.

BENEVIDES, B. G.; NOGUEIRA, S. N. B. (Orgs). **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019.** São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2020. Disponível em: <<https://antrabrazil.files.wordpress.com/2020/01/dossic3aa-dos-assassinatos-e-da-violc3aancia-contra-pessoas-trans-em-2019.pdf>> Acesso em 05/12/2020.

BILLIONS. **IMDb.** Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt4270492/>>. Acesso em 27/01/2021.

BILLIONS. **Rotten Tomatoes.** Disponível em: <<https://www.rottentomatoes.com/tv/billions>>. Acesso em 27/01/2021.

BILLIONS. **Showtime.** Disponível em: <<https://www.sho.com/billions>>. Acesso em 27/01/2021.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

COOK, S. **30+ Video and music streaming statistics [2020 edition].** Comparitech. Disponível em <<https://www.comparitech.com/tv-streaming/streaming-statistics/>>. Acesso em 06/12/2020.

DAMIAN Lewis. **IMDb.** Disponível em: <<https://www.imdb.com/name/nm0507073/>>. Acesso em 27/01/2021.

DAN Soder. **IMDb**. Disponível em: <<https://www.imdb.com/name/nm4522036/>>. Acesso em 27/01/2021.

DISCLOSURE: Trans Lives on Screen. Sam Feder. Netflix, 2020. (108min).

FOLTER, R. **O que é tokenismo?** Politize!, 2020. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/tokenismo/>> Acesso em 27/01/2021.

GÊNERO não binário. Wikipédia. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/G%C3%AAnero\\_n%C3%A3o\\_bin%C3%A1rio](https://pt.wikipedia.org/wiki/G%C3%AAnero_n%C3%A3o_bin%C3%A1rio)>. Acesso em 25/01/2021.

GIACOMINI, J. **Do que as séries americanas são sintoma?** Rizoma, Santa Cruz do Sul, p. 224-226, 2016. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/7777>>. Acesso em 09/12/2020.

GLAAD: **Where We Are on TV - 2019-2020**. 2020. Disponível em: <<https://www.glaad.org/sites/default/files/GLAAD%20WHERE%20WE%20ARE%20ON%20TV%202019%202020.pdf>>. Acesso em 05/12/2020.

GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, p. 20-29, 1995.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Editora Vozes, 1985.

GRUDA, M. P. P. Breves considerações, comentários e ideias acerca de uma Psicologia Social Crítica. **Pesqui. prá. Psicossociais**. São João del-Rei, p. 514-526. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082016000200019&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082016000200019&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 26 /01/2021.

GUARESCHI, P. Representações Sociais, Mídia e Movimentos Sociais. In: **Representações Sociais em Movimento: Psicologia do Ativismo Político**. EdIPUCRS, 2011.

JOVCHELOVITCH, S. **Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

KIRALFI, A. The Golden Reed. In: **The Journal of Legal History**. vol 11. p.451-452, 2007. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01440369008531017?journalCode=flgh20>>. Acesso em 28/01/2021.

LANZ, L. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero**. Dissertação [Mestrado em Sociologia] – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2014.

MEET Taylor Mason (Asia Kate Dillon) | Billions | Season 2. Disponível em: <<https://youtu.be/Ow6VVQO2Q-o>>. Acesso em: 10/01/2021.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MOSKOWITZ, D. **Who Are Netflix's Main Competitors?**. Investopedia, 2020. Disponível em: <<https://www.investopedia.com/articles/markets/051215/who-are-netflixs-main-competitors-nflx.asp#>>. Acesso em 06/12/2020.

NONBINARY Wiki. Disponível em: <[https://nonbinary.wiki/wiki/Main\\_Page](https://nonbinary.wiki/wiki/Main_Page)>. Acesso em 06/12/2020.

PRECIADO, P. **Testo Junkie**. n-1 edições, 2018.

PROTAS, A. **Dictionary of Symbolism** – Axe. Disponível em: <<http://umich.edu/~umfandsf/symbolismproject/symbolism.html/A/axe.html>> Acesso em 23/01/2021.

PSYCHO. Direção de Alfred Hitchcock. Paramount Pictures, 1960. (109min).

ROMANINI, M. ROSO, A. Usuários de Cocaína-Crack e Recepção de uma Campanha Televisiva Antidrogas. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília , v. 34,2018 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722018000100509&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722018000100509&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 27/01/2021.

ROSA, A. S; BOCCI, E.; PORTINO, L. Identikit of vegan and vegetarian's social representations and social eating practices through field study... In: **Inted 2019**. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/339696841\\_Identitk\\_of\\_vegan\\_and\\_vegetarian's\\_social\\_representations\\_and\\_social\\_eating\\_practices\\_through\\_field\\_study\\_traditional\\_media\\_and\\_web20\\_user-generated\\_content\\_studies\\_in\\_four\\_geo-cultural\\_contexts](https://www.researchgate.net/publication/339696841_Identitk_of_vegan_and_vegetarian's_social_representations_and_social_eating_practices_through_field_study_traditional_media_and_web20_user-generated_content_studies_in_four_geo-cultural_contexts)>. Acesso em 27/01/2021.

SHAUNETTE Renée Wilson. **IMDb**. Disponível em: <<https://www.imdb.com/name/nm8189246/>>. Acesso em 27/01/2021.

SILVA, M. V. B. Cultura das séries: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade. **Galaxia** (São Paulo, Online), n. 27, p. 241-252, 2013. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1982-25532014000100020&lng=pt&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-25532014000100020&lng=pt&tlng=pt)>. Acesso em 07/12/2020.

VALENTINE, D. **Imagining Transgender**: an ethnography of a category. Durham NC: Duke University Press, 2000.